

## JOGOS CANTADOS: UMA PROPOSTA LÚDICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Rose Nubia Silva Neves<sup>1</sup>  
Antônio Luis Ferreira Bahia<sup>2</sup>  
Fernando Reis do Espírito Santo<sup>3</sup>

**Resumo:** *O artigo, que está inserido na linha de pesquisa “Intervenção e Cotidiano Pedagógico” pertencente ao Grupo CORPO (Cotidiano escolar, Resgate, Pesquisa e Orientação) ligado ao Departamento III da Faculdade de Educação na Universidade Federal da Bahia (FACED/ UFBA), tem como objeto a metodologia do ensino da Educação Física e discute a prática pedagógica da área. Traz como hipótese o pressuposto de que a articulação da Educação Física com a Música contribui nas representações corporais que o indivíduo apresenta na sociedade. Os objetivos deste estudo são: possibilitar o exercício da corporeidade; propiciar experiências que priorize a formação crítica e ampliar o campo de conhecimento deste ser sujeito. Propomos a arte-educação lançando mão dos Jogos Cantados como conteúdo e método das aulas de Educação Física.*

**PALAVRAS CHAVE:** *Educação física; Música; Arte-educação; Jogos cantados.*

### 1. O DESVELAR DE UM SENTIMENTO EM BUSCA DO DESCONHECIDO

O presente estudo está vinculado ao Grupo Cotidiano escolar, Resgate, Pesquisa e Orientação – CORPO - da FACED/UFBA, que tem como eixos de investigação três grandes objetos: Intervenção e Cotidiano Pedagógico; Memória da Educação Física e Esporte e Estudos no Futebol. Delimitamos como objeto deste trabalho a prática pedagógica e a metodologia do ensino em Educação Física, Esporte e Lazer que considere a arte-educação no exercício da corporeidade. O interesse pelo tema surgiu tanto pelo envolvimento com as duas áreas, como também a partir de experiências na prática docente onde utilizamos os Jogos Cantados como conteúdo e método. A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo foi a Revisão Bibliográfica.

No ambiente escolar vivemos um conflito básico entre as disciplinas escolares “úteis” e as “agradáveis”. As que são consideradas úteis são sérias, aquelas identificadas como maçantes, trabalhosas, que reprovam. Já as agradáveis e prazerosas, são aquelas que guardamos para usufruir após terem sido cumpridas as nossas maçantes obrigações, ficam espremidas entre disciplinas que em geral eram consideradas mais importantes para a nossa vida futura. Com base nas constatações anteriores do que seria útil e agradável, levantamos a hipótese de que a articulação entre Música e Educação Física no ambiente escolar contribui nas representações corporais que o indivíduo em formação terá na sociedade. Nossa suspeita é que a arte articulada aos constituintes da Educação Física possibilita a quebra de condicionantes sociais impostos ao longo do processo de educação.

Este estudo pretende, ainda, responder às seguintes perguntas: será que a Arte e a Educação Física podem contribuir mais efetivamente para o desenvolvimento do sujeito crítico?

---

<sup>1</sup> Estudante do curso Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail: [binhaedfísica2002@yahoo.com.br](mailto:binhaedfísica2002@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Orientador, Professor da Universidade Federal da Bahia (Departamento 2) – [albahia@lognet.com.br](mailto:albahia@lognet.com.br).

<sup>3</sup> Orientador, Professor da Universidade Federal da Bahia (Departamento 3) – [fres.nando@uol.com.br](mailto:fres.nando@uol.com.br).

Por que a função da música, como representante das artes, encontra-se “desafinada<sup>4</sup>” no ambiente escolar? E por que a Educação Física Escolar não considera elementos da cultura primeira<sup>5</sup> do indivíduo?

O trabalho tem como objetivos possibilitar o exercício da corporeidade aos educandos, para que ele se torne um corpo-sujeito de suas ações; propiciar a vivência de experiências para que ele defina e redefina sua auto-organização, contribuindo para a espontaneidade, criatividade e formação integral, bem como, ampliar o campo de conhecimento em busca de um ser humano pensante, com direito de opinar e modificar as situações mediante suas necessidades e vivências sócio-culturais.

Inicialmente procuramos recuperar a importante presença da música desde os primeiros anos de vida da criança e constatamos como a Música e a Educação Física aparecem no ambiente escolar e como os constituintes da Educação Física podem reforçar o sufocamento de elementos da cultura infantil; posteriormente trazemos a discussão dos Jogos Cantados e seus constituintes, e por fim, propomos a Educação utilizando os Jogos Cantados baseando essa prática libertária de Educação Física Escolar.

Convidamos você leitor a fazer essa viagem num mundo altamente possível e real, onde a satisfação, a criatividade, o prazer e a responsabilidade para com a formação de cidadãos, andam juntos. Por uma educação que realize uma fusão entre a alegria de participar emotivamente, de se empolgar e a alegria de questionar sobre os problemas levantados e a realidade social, com perspectivas de atuar transformando a sociedade, ou seja, construindo de forma autônoma a história.

## 2. A MÚSICA NA VIDA DA CRIANÇA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A música é um fenômeno corporal de grande receptividade. Mesmo antes de nascer, ainda no ventre da mãe, a criança já entra em contato com o universo sonoro através das vozes de pessoas, sons produzidos por objetos, sons da natureza, dos seres vivos e do acalanto de sua mãe: “é muito grande a influência que a música exerce na criança. Podemos notar num bebê que ao mínimo som se movimenta, que a música estimula suas funções sensoriais e afetivas...” (VERDERI, 2000, p. 51).

A música é uma linguagem expressiva e as canções são veículos de emoções e sentimentos, e podem fazer com que o indivíduo reconheça nelas seu próprio sentir. A expressão existe em tudo aquilo em que o ser humano faz, e como ação criadora, resulta de uma reflexão e de uma leitura do eu sobre o mundo. Tudo o que vive tem movimento, ele é a mais pura expressão da existência da vida. O movimento do homem determina a ação corporal que é representada pela expressão da corporeidade, onde por meio dela o homem se comunica, se alimenta, trabalha, enfim vive. É a partir do movimento que podemos perceber as primeiras realizações das crianças e a manifestação do desenvolvimento do sistema perceptivo-sensório-motor.

A música tem uma influência muito grande no movimento. E há quem diga que o movimento e a música caminham juntos. Uma completa o outro. Dançar sem música não libera estímulos espontâneos e ouvir uma música e não se movimentar é quase impossível, pois as ligações das raízes dos nervos auditivos estão largamente espalhadas pelo nosso corpo e são mais longas que quaisquer outros nervos (VERDERI, 2000, p. 55).

---

<sup>4</sup> Entenda-se “desafinada” como distorcida.

<sup>5</sup> Cultura Primeira – que são adquiridas fora da escola, fora de toda autoformação metódica e teorizada. (ver Snyders, 1988)

Segundo Snyders (1988) há dois tipos de cultura, a cultura primeira e a cultura elaborada. A cultura elaborada é a que adquirimos na escola e a cultura primeira nasce da experiência direta da vida, nós a absorvemos sem perceber; vamos em direção a ela seguindo a inclinação da curiosidade e dos desejos. Como afirmamos acima, baseado em Snyders, uma das vias de acesso à cultura elaborada é a que adquirimos na escola, e é pensando nela que construímos o nosso objeto de estudo. A satisfação escolar trazida pelo autor e defendida neste trabalho, não é idêntica a momentos de lazer. Não pretendemos trazer à escola um pouco de divertimento, menos ainda de anunciar que se vai aprender sem se dar conta. Pelo contrário, a dificuldade, o esforço estará sempre presente; aprender para satisfação estabelecendo rupturas entre a cultura primeira e a cultura elaborada, ou seja, correlacionar os conteúdos listados no planejamento docente com as vivências extra-escola dos alunos, para, a partir daí, se materializar a satisfação cultural.

Como podemos perceber, a escola tem uma tendência de formar seres compartimentados, por ela também assumir essa característica. Lá existe a distinção entre o “útil” e o “agradável”. A partir daí, começamos a perceber que a escola também não matricula seus alunos com os elementos de seu contexto social, ou seja, suas vivências fora do ambiente escolar, não sistematizadas, chamadas de cultura primeira, da qual falamos no primeiro momento do trabalho, e que reforçam uma dualidade entre natureza/cultura, razão/emoção e corpo/mente.

Em certo sentido estamos vivendo uma civilização *racionalista*, onde se pretende separar a razão dos sentimentos e emoções, encontrando-se na primeira o valor máximo da vida. Ocorre que esta separação é ilusória...é somente a partir das vivências, do *sentimento das situações*, que o pensamento racional pode se dar. O pensamento busca sempre transformar as experiências em palavras, em símbolos que as signifiquem e representem. A razão é uma operação posterior à vivência (aos sentimentos). Vivenciar (sentir) e pensar estão indissolivelmente ligados...(DUARTE Jr, 1994, p.33).

O erro talvez esteja em achar que aquelas cousas de fora da escola são da natureza; e as da escola, da sociedade. Aquelas coisas de fora da escola são da cultura da criança que nunca é matriculada, e as coisas da escola não são bem as coisas da sociedade (Freire *apud* DAOLIO,1994).

Assim, toda a musicalidade que envolveu a criança antes até do seu nascimento, as possibilidades de criação e experimentação de movimentos, os sentimentos e emoções são limitados em nome dos chamados conteúdos “úteis”, ou então, onde deveriam ser propiciadas essas vivências, acabam sendo relegados ao segundo plano, como recreação, divertimento e dissociadas do contexto do aluno e desconexas das demais disciplinas. Daolio (1994) afirma que mesmo antes de a criança andar ou falar, ela já traz no corpo alguns comportamentos sociais e estes na escola estão confinados a raros momentos.

Nessa lógica de interação entre os conteúdos que constituem a cultura primeira e a cultura elaborada, pode constatar que a música aparece na escola como veículo para garantir a ordem e moldar comportamentos são apenas

Momentos criados pelos “educadores” para que, ao som da música, se estabelecesse um comportamento de ajuste a um modelo de sociedade que determina que as coisas *devem ser como são ou estar como estão* e, por isso mesmo, não cabe lugar a formação consciente de pessoas que possam modificá-las (BAHIA, 2004, p. 18).

A criança, ao entrar na escola, começa a ver sua rotina alterada por um adulto que começa a ditar regras e impõe uma nova maneira de se relacionar. Existe uma brincadeira cantada que retrata justamente essa idéia do que acontece nas escolas, o aluno só se manifesta

sob orientação do professor: - *Boca de Forno!* - *Forno!* - *Tiraram um bolo!* - *Bolo!* - *Faz o que o mestre mandar?* - *Faço!* - *Se não fizer?* - *Toma bolo!*. A respeito desta afirmação Rubem Alves, nos seus textos que tratam de educação, está sempre nos chamando a atenção, num tom crítico, para uma reflexão sobre a escola, quando nos diz que

As crianças são ensinadas. Aprendem bem. Tão bem que se tornam incapazes de pensar coisas diferentes. Tornam-se ecos das receitas ensinadas e aprendidas. Tornam-se incapazes de dizer o diferente. Se existe uma forma certa de pensar as coisas e de fazer as coisas, por que se dar ao trabalho de se meter por caminhos não explorados? Basta repetir aquilo que a tradição sedimentou e que a escola ensinou. O saber sedimentado nos poupa dos riscos da aventura de pensar (ALVES, 2004).

A Educação Física Escolar segue essa mesma vertente, seus conteúdos sugerem uma limitação de sua abrangência ao mero adestramento de corpos, concepção defendida principalmente pós 1964, no período da ditadura militar. Entretanto, mesmo com todos os avanços da área observamos que o corpo do aluno ainda é tratado como objeto a ser manipulado e melhorado em seu rendimento fisiológico, não é levado em conta a individualidade e nem a potencialidade criativa do mesmo, ou seja, desconsideramos o contexto, o princípio da alteridade<sup>6</sup>, a criatividade, a espontaneidade, tudo em nome do “controle” da situação e do produto que a sociedade espera. Com isso,

Impõem-se uma visão de mundo e transmite-se conhecimentos desvinculados das experiências de vida. Em suma: preparam-se pessoas para executar um trabalho parcializado e mecânico, no contexto social; pessoas que se preocupem apenas com o seu trabalho (com o seu lucro), sem perceber como ele se liga a todos os outros no interior da sociedade. No fundo isto se constitui mais num *adestramento* do que numa *educação* (DUARTE Jr, 1994, p.36).

Acreditamos que a Educação deveria

[...] considerar o corpo de seus alunos como um corpo em erupção, exalando sentimentos, expressões e partícipe do meio social do qual faz parte. Um corpo que transforma o mundo e está sensibilizado para tudo o que cerca. E também não se esquecer de que seu aluno é um ser único diante de um grupo considerado, onde cada um trás para a escola histórias de vida diferentes e que essas diferenças interferirão no aprendizado de cada um (VERDERI, 2000, p. 64).

Conhecimento humano não é uma via de mão única, ele se constitui um jogo (dialético) entre o que é sentido (vivido) e o que é simbolizado (transformado em palavras ou outros símbolos), as expressões. Então, uma educação que apenas pretenda transmitir significados que estão distantes da vida concreta dos educandos, não produz aprendizagem alguma. Por isso nossa atenção se volta à dialética entre o sentir, vivenciar (Educação Física) e o simbolizar (Música) e vice-versa, afirmando que aprender é um processo que mobiliza tanto os significados, os símbolos, quanto os sentimentos, as experiências a que eles se referem.

Por conseguinte e com esperança cada vez maior, é que acreditamos que nós educadores em breve vamos perceber que não podemos renunciar à música, ou melhor, à arte, nem à cultura primeira, e nessa busca reencontraremos uma educação de nosso tempo, aquela que fala nossa língua, aquela que constitui nossa cultura, que considera as emoções, que faz sentir, perceber,

---

<sup>6</sup> O princípio da alteridade, segundo DAOLIO, (1994), implica a consideração e o respeito às diferenças humanas, uma das premissas da ciência antropológica atual.

analisar e decidir que sociedade queremos construir, que realidade vivemos e o que perspectivamos pensando e repensando a nossa representação social, e esta se dá por intermédio do corpo como sujeito autônomo e participante de todo o processo.

Criança é movimento e por isso os nossos programas devem criar condições para que ela possa viver o mundo através do corpo dando asas a imaginação enquanto que interage com a realidade e passa a interferir no seu destino a partir de decisões coletivas entendendo que as regras do jogo são determinadas pelos seus jogadores e que a atividade lúdica pertence a todos independente de força ou habilidade, (...) por isso, propomos uma Educação Física onde o tempo histórico e o espaço social sejam conquistados no movimento das idéias no jogo de corpos que buscam autonomia e consciência de que nem todos tem obrigação de ser atleta e sai alcançar a cidadania, tendo acesso a toda manifestação corporal através do corpo, estabelecendo um processo de decisão coletiva onde todos devem legislar as regras do jogo e produzir e socializar o conhecimento a fim de construir um tempo onde não só os fortes e ágeis ocupam espaços. (BAHIA, 2002, p. 198).

### 3 – JOGOS CANTADOS COMO CONTEÚDO E MÉTODO

O corpo é sede de signos e significados, fruto da interação natureza/cultura. O corpo fala o tempo todo, dando dicas não só para o seu “dono”, o aluno, como para o professor, do que está necessitando, de até onde ele pode chegar e quais barreiras devem transpor, e isso deve ser considerado em qualquer proposta pedagógica dentro da Educação Física. Na criança, a consciência plena de sua corporeidade se dará diante da transposição criativa dos obstáculos propostos, permitindo que sejam elaboradas diversas respostas para um mesmo problema. Esta atitude irá configurar uma ampliação do repertório motor e uma consciência de seus limites e possibilidades.

É dentro dessa lógica diferenciada de pensar a Educação Física Escolar que seus constituintes devem valorizar o seu caráter pedagógico-histórico e a sua profunda ligação com a psicomotricidade, para desenvolver a partir do uso de elementos como a arte, o ritmo e a ludicidade, uma prática que respeite o corpo como sujeito da ação. Por conta disso, o jogo deveria ser recurso metodológico usado em educação e não, como se apresenta, como um mero passatempo.

O jogo, se bem orientado, desempenha função de grande importância na formação de cidadãos críticos, além de propiciar um prazer que atrai e envolve os participantes numa prática lúdica, criativa e saudável. Para FIGUEIRA (1963), o jogo, além de trazer benefícios para a coordenação, ou seja, músculos e sentidos funcionando conjuntamente, é importante também por que “desenvolve tendências gregárias, ensina a sacrificar-se pelo bem comum, a cooperar, a respeitar os direitos dos outros para a satisfação de suas próprias necessidades, a subordinação dos indivíduos aos interesses do grupo” (FIGUEIRA, TEXEIRA E SOARES, 1963, p.22).

Podemos afirmar com base nas literaturas revisadas e na nossa experiência de prática docente, que a criança aprende brincando as coisas comuns da vida; tentando fazer sempre coisas diferentes, ela experimenta, observa, explora tudo quanto a rodeia, exercita os sentidos, na verdade a personalidade da criança é profundamente solicitada por esta forma de expressão.

É através dos jogos e brincadeiras que a criança começa a descobrir o mundo, explorando e se relacionando, ela constrói e socializa o conhecimento, na troca de experiências com outras crianças, permitindo que tarefas e habilidades possam ser executadas de maneira independente, ou mesmo com a ajuda dos

colegas caracterizando assim zonas de desenvolvimento proximal, a partir dessas atividades lúdicas (BAHIA, 2004, p. 19).

Segundo Marinho (1981), os Brinquedos Cantados representam a forma mais simples do jogo. São a legítima e natural expressão de uma infância feliz e pode ser aplicado com grande eficiência às crianças. Porém o reconhecimento dos Brinquedos Cantados como fator de educação é recente, foi preciso evidenciar-se primeiro o valor pedagógico do Jogo e da Música para chegar a vê-los como poderoso elemento educativo.

O Jogo Cantado entre todos os jogos é o que nos oferece mais mobilidade para trabalhar em qualquer ambiente, pois o encanto que o ritmo nos proporciona é mágico e contagiante. A música tem o poder de penetrar e modificar o comportamento na medida que invade o nosso corpo e nos leva ao sabor das notas musicais<sup>7</sup> (BAHIA, SD).

Os brinquedos desenvolvem na criança as suas qualidades de observação, o espírito de iniciativa, a coragem, a capacidade criadora, a sociabilidade, a disciplina, a delicadeza, enriquecendo-a de valores morais e intelectuais (...) E até poderá obter pequenas noções de arte no ritmo das canções que integram os Brinquedos Cantados (Costa, 1942 *apud* MARINHO, 1981, p. 290).

Os Jogos Cantados nos permitem construir uma proposta de Educação Física que tem como premissa o corpo como elemento desafiador, e este tem uma relação simbiótica produzindo e consumindo cultura, vivenciando o ritmo dentro de um espaço que é social e num tempo que é histórico. “Os alunos que participam de um jogo musical em conjunto obtêm efeitos de globalidade e eles chegam então a se situar uns em relação aos outros, a escutarem-se uns aos outros escutando a mesma música” (FIGUEIRA, TEXEIRA E SOARES, 1963, p. 252).

É nesse momento em que o professor deve estar atento às oportunidades de fazer sentir sua ação sobre os alunos, estabelecendo rupturas. “A criança é facilmente sugestível, por isso, as opiniões, idéias e comentários provenientes, direta ou indiretamente, dos jogos, fixam-se em seu espírito. Aprende assim a praticar prazenteiramente, o que é direito” (FIGUEIRA, TEXEIRA E SOARES, 1963, p. 22). Após cada atividade devem ser feitas reflexões com o grupo sobre a mesma. O que chamamos de leitura “MOTORA” (resultado dos movimentos, habilidades e valências físicas) e “SOCIAL” (resultados das relações que as crianças fazem do microuniverso – a aula de Educação Física – com o macrouniverso – a sociedade, a comunidade e todos os conflitos e problemas sócio-político-econômico presentes neste lócus). Desta maneira, os conteúdos da Educação Física estariam prestando serviço aos educandos numa formação crítica e seriam para os futuros cidadãos a mais encantadora e impressionante recordação da sua infância. “Se o canto é livre e o jogo também, porque trancá-lo em artifícios pedagógicos que encaixotam o ato de brincar?” (BAHIA, 2004, p.20).

#### 4. UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO QUE A LINGUAGEM PODE EXPRESSAR

Historicamente sempre tivemos uma educação que despreza as condições específicas da terra e procura impor a visão de mundo que interessa às minorias dominantes. O resultado disso é o abandono de padrões pessoais e regionais de expressão. É a imposição de uma forma de expressão “importada”, que pouco tem a ver com as paixões e desejos de cada um. Ao ingressar na escola, a criança já traz consigo um conhecimento amplo a respeito de seu corpo, mas que

---

<sup>7</sup> Mensagem extraída da página inicial do site: [www.jogoscantados.com.br](http://www.jogoscantados.com.br), o qual pertence ao Professor e Antônio Luiz Ferreira Bahia.

muitas vezes, não foi despertado. O professor deverá saber aproveitar esses conhecimentos e, a partir deles, promover novos conhecimentos mais complexos. De fato, se nós quisermos ensinar aos alunos coisas que não têm ligação com suas vivências e os problemas que dialogicamente se colocam, torna-se inevitável recorrer a processos mecânicos, autoritários e às vezes de exclusão.

Como é então que a arte pode se tornar um instrumento para a formação de um homem mais pleno? Através da arte somos levados a conhecer melhor nossas experiências e sentimentos. A arte-educação norteia toda proposta aqui representada pelos Jogos Cantados, que articula Música e Movimento.

A melhor forma de trabalho pedagógico é aquela que proporciona a educação da pessoa inteira, criativa e crítica. Os Jogos Cantados deve ser um dos meios para se alcançar esta educação, e os bons resultados serão alcançados pela adequação das atividades, pela postura reflexiva e crítica do professor, propiciando situações enriquecedoras, organizando experiências que garantam a expressividade desse cidadão em formação.

A relação educativa professor-aluno se dá num processo de interação entre o professor/aluno/ meio. Esta relação deve ser dinâmica, em que seus agentes possam estar simultaneamente aprendendo e ensinando. Uma relação amorosa e amistosa ao mesmo tempo, em que o carinho e o diálogo façam parte desta relação e que contribua para a formação dos homens do futuro. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p.23).

O desafio para nós educadores é entender que não planejamos a aula, temos a responsabilidade de planejar a vida. Cabe aos educadores repensar o papel das músicas no ambiente escolar, como também uma Educação Física para além da domesticação de corpos, determinando o comportamento sem uma ação crítica sobre o ato pedagógico que apenas contribui para a reprodução de valores que reforçam uma visão de mundo fragmentada e sem mudanças.

A arte-educação deve estar presente nas atividades de Educação Física, através de exercícios ginásticos, rítmicos, brincados e rodas, elementos presentes nos Jogos Cantados, em que se desenvolvem na criança a linguagem corporal e o desdobramento dos sentidos numa organização temporal, espacial e energética. “A criança comunica-se principalmente através do corpo e, cantando, ela é ela mesma, ela é seu próprio instrumento” (ROSA, 1990, p. 23).

O ser humano é único, precisa viver em unidade, porém não são iguais nem devem ser padronizados de acordo com o seu ponto de vista. Não devemos cair no discurso da “sociabilização” onde “aplicamos o remédio” e esperamos de todos as “mesmas reações”. Segundo Freire (1996), há uma pluralidade nas reações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios e não se esgota num tipo padronizado de respostas. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios, mas em face de um mesmo desafio, que no caso desta proposta é o exercício da corporeidade, ou melhor, o corpo como sujeito e agente do processo de educação.

Este artigo trás uma parcela de contribuição nessa discussão, dentro da chamada corrente progressista que enxerga o ser humano de uma maneira totalitária, já que somos, querendo ou não, sabendo ou não, construtores da história. Nessa busca, certamente, encontraremos a convergência de uma série de elementos da arte e da educação para um ponto comum: a criação de um sentido para as nossas vidas, pois,

[...] a vida humana não é apenas vida (física), mas *existência*, ou seja, comporta um *sentido*. E este sentido, são as palavras que nos dão. A linguagem – e através dela os valores, os significados – fundamenta e estrutura nossa existência nesta terra (DUARTE JÚNIOR, 1994, p.21).

E o principal, toda discussão travada não se esgota, ao contrário, ressurgem “novas histórias”, e é isso que estamos tentando construir na perspectiva de participantes que são frutos e agentes de um novo processo da história da Educação brasileira.

## REFERÊNCIAS

BAHIA, Antônio.L.F. **Educação Física: Dos movimentos do corpo para o corpo em movimento.** In: Temas em Educação, Vol. I, Editora Futuro Eventos, pág. 193 – 200, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Música e o Jogo no jogo da aprendizagem.** In: Temas em Educação, Volume III, Editora Futuro Eventos, pág.18 – 22, 2004.

\_\_\_\_\_. **Jogos Cantados.** Salvador, SD. Disponível em: [www.jogoscantadosbahia.com](http://www.jogoscantadosbahia.com). Acesso em: 15 Dez 2005.

CAMARGO, Maria L. M. de. **MÚSICA/ MOVIMENTO: um universo em duas dimensões.** Belo Horizonte: Vila Rica editoras, 1994.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo.** Campinas, SP: Papyrus, 2ª edição, 1994. (Coleção Corpo e Motricidade)

DUARTE Jr. João.F. **Por quê Arte-Educação?** 7ª Ed. Campinas: Papyrus, 1994.

FIGUEIRA, Celina H, TEIXEIRA, Elza e SOARES, Manoel M. **Jogos Dirigidos: (Guia, Técnica e Coletânea),** 2ª Ed, Rio de Janeiro: Organização Técnica de Educação Física LTDA, 1964.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 31ª ed. São Paulo, paz e terra, 1996.

MARINHO. Inezil P. **Educação Física Recreação e Jogos.** 3ª Ed. - São Paulo: Cia Brasil Editora, 1981.

ROSA, Nereide S. S. **Educação musical para a pré-escola.** São Paulo: Editora Ática, 1990.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola.** São Paulo: Editora Manole, 1988.

VERDERI, Érica B.L.P. **Dança na escola.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2000.